

XII CONCURSO “POESIA NA BIBLIOTECA”

Título:

Rafeiro

Autor:

António Ferreira

Tenho enlouquecido muitas vezes ao longo da vida.
Só na infância terão sido meia dúzia... Tantas
Quantos os meus cães atropelados na Rua da Liberdade.
Sempre que eu ansiava por um novo cão enlouquecia!
Louvada seja a minha mãe que não perdia tempo...
Mas ela nunca encontrou um espécime que não afrontasse
Os carros. E eu predispus-me a enlouquecer pela vida fora...
Quando comprei uma corrente inquebrantável
Senti-me um cão danado sem vontade de fugir.

De cada vez que enlouqueço, renovo a esperança
De ser a última. Imponho respeito por quem não sou!
Como fantasma de nível inferior não possuo a faculdade
De perceber, no espelho mais fiel, que deixei
De estar preso neste lado. Noutra dimensão só sou real
Quando em bicos de pés desabito este mundo.
Serei apenas um corpo que deixou de responder
Às necessidades básicas da sua alma?
Para manter o equilíbrio alívio as áreas de tensão
Em que a minha memória mais me trai.
Numa primeira abordagem comprometo-me sempre
Com as criaturas que mostram empatia pela minha carne
Viva. Os dentes caninos são uma dádiva da natureza...
Só me insurjo com a fome dos necrófagos!

Ao meu último cão chamei-lhe Abril, mas mesmo assim
Ele morreu raivoso. A minha cabeça já deveria ter consciência

Das zonas em que a dor é levada mais a sério por quem
A pode mandar decepar. Neste campo de batalha agravo
A minha condição de desertor quando entrego apenas metade
De mim. Quem pede a totalidade não tem de me merecer
Completo? De olhos arregalados agravo a pena...
Ainda nenhum enciclopedista ganhou coragem para dizer-me
Na cara até onde posso ser definido no uso pleno da palavra!
Até me dissecarem todas as sentenças proferidas
Em nome próprio, não entregarei à loucura
As provas de que a inocência precisa para a cabeça
Preferir rebentar quando ninguém estiver a ver.

Se há uma criança, com um cão morto nos braços, a chorar
Num quarto encerrado, é porque ainda ninguém lhe disse
Que a porta sem chave foi trancada por dentro.
Nem quero agravar a opinião que guardam do meu fantasma,
Mas os seus comportamentos só se revelaram obsessivos
Quando senti necessidade de me fazer passar por mim.

Hoje sinto-me sonolento... No auditório do meu cérebro
Terminou a palestra sobre coordenação motora
Em tempos de paralisia global. Continuo sem saber
Para onde me deverei dirigir quando perceber que cheguei
Ao fim da linha... Neste canil, troco a ração de combate
Por memórias recalçadas. Para mostrar que estou lúcido,
Quando me pedirem para escolher entre a água e o fogo,
Procurarei a porta do avesso. Sabem que os reflexos
Involuntários não dizem nada de um soldado desconhecido?
Portanto, não confundam um acesso de cólera
Com a experiência que guardo do medo.

Nem para ser um cão de fila eu poderia ter
Herdado a loucura da minha mãe.